

RESENHAS/*REVIEWS*

COR NA FICÇÃO¹

Heloisa PONTES²

“O Haiti é aqui”. E o “aqui”, antes que a realidade social se deixe encapsular pela cartografia, é também o Brasil. Imortalizada na pena daqueles que já foram chamados de novos baianos, a frase ganha tratamento musical desconcertante na canção escrita a quatro mãos por Gilberto Gil e Caetano Veloso. Numa alusão explícita ao estado de origem dos compositores e de um de seus mais renomados escritores, a canção se abre com um convite:

Quando você for convidado para subir no adro da fundação Casa de Jorge Amado pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos, dando porrada na nuca de malandros pretos, de ladrões mulatos e outros quase brancos, **tratados como pretos**, só para mostrar aos outros quase pretos (e são quase todos pretos) e aos quase brancos pobres como pretos, como é que pretos pobres e mulatos e quase brancos, **quase pretos de tão pobres**, são tratados [...] (VELOSO; GIL, 1993, grifo nosso).

A constatação de que a pobreza enegrece, longe de um lugar comum, é um desses achados precisos para sintetizar uma situação perversa de desigualdade social, que vez ou outra ganham desdobramentos inesperados. Sobretudo quando captados por intérpretes vigorosas como Elza Soares. Dona de uma voz lacerada, ela cantou como ninguém as mazelas cortantes desse imenso Haiti: o Brasil dos pretos e quase brancos, quase pretos de tão pobres. Aquilo que a voz da cantora desentranha em voltagem máxima foi revelado em registro literário por Jorge Amado no decorrer dos anos de 1930, quando ele se firmou como escritor – especialmente em *Capitães de areia*, romance publicado em 1937, e um de seus maiores sucessos editoriais. Pedro Bala, o menino de rua e herói do livro, apesar de branco, vai como que enegrecendo ao longo da narrativa à medida que a sua identificação com os

¹ Resenha do livro: ROSSI, L. G. F. R. *As cores da revolução*: a literatura de Jorge Amado nos anos 30. São Paulo: Annablume: FAPESP; Campinas: Unicamp, 2009.

² Antropóloga e professora livre-docente. UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de Antropologia. Campinas – SP – Brasil. 13081970 – helopontes@uol.com.br Pesquisadora do CNPq, autora, entre outros, de *Destinos mistos* (Companhia das Letras, 1998), *Intérpretes da metrópole* (no prelo).

símbolos da cultura negra converte-se em luta pela liberdade de todos aqueles que ele vê como oprimidos: os pobres, os negros, os brancos quase negros, explorados pelo capital. Nesse deslizamento semântico, produzido por um escritor engajado a um só tempo na militância comunista, na literatura proletária e no debate sobre a cultura afro-brasileira que pegou fogo nos anos 30, raça se transforma num atributo de classe, uma dimensão simbólica, socialmente atribuída e avessa a enquadramentos biológicos. Isso e muito mais é descortinado por Luiz Gustavo Freitas Rossi, o autor desse livro inteligente, cujo mérito maior é o de potencializar a leitura dos seis romances de Jorge Amado publicados na década de 1930: *País do carnaval*, *Cacau*, *Suor*, *Jubiabá*, *Mar morto* e *Capitães de areia*.

Aquilo que Elza Soares fez como intérprete da canção mencionada acima de Gil e Caetano, Gustavo Rossi faz com a obra de Jorge Amado. Com recursos expressivos distintos – a voz no caso de Elza, a escrita, no de Luiz Gustavo – ambos mostram o quanto a conjunção autor-intérprete pode render quando em sintonia fina. Na interpretação de Elza Soares, sobressai o timbre metálico da cantora que faz das palavras armas de denúncia, expelidas como balas por uma voz rouca, produzindo no ouvinte um misto de adesão e estranhamento. Na interpretação de Gustavo Rossi, o movimento é inverso. No lugar da adesão e do estranhamento ganha corpo uma compreensão alargada da obra literária de Jorge Amado. Antropólogo atento ao reprocessamento simbólico das marcas da experiência social, e distante dos juízos de valor com que a crítica literária tratou a obra do escritor baiano, Gustavo Rossi apresenta uma leitura renovada de seu universo ficcional.

Membro da Juventude e do Partido Comunista brasileiro, desde meados de 1932, Jorge Amado não separava o projeto literário da política, justificando as escolhas estéticas em função da militância comunista. Por isso, o empenho do intérprete em recuperar o debate travado na época sobre o romance proletário e sua inflexão no desígnio literário do escritor. Romance proletário e projeto revolucionário equacionam-se na obra através do tratamento que ele dá à raça, aos negros e à mestiçagem. Tal equacionamento, captado com precisão no título do livro, *As Cores da revolução*, leva o intérprete a recuperar também o lugar e as posições assumidas pelo escritor no campo dos estudos raciais brasileiros, em meio às relações que estabeleceu com Édison Carneiro, Arthur Ramos e Gilberto Freyre, para citar a trinca mais expressiva dos estudiosos da “raça” no período. Na esteira dessa virada culturalista e lufada de ar fresco no desmonte das surradas explicações raciais, Jorge Amado não se furtou ao debate. E fez da raça, da cultura negra e da classe social o eixo de sustentação de sua narrativa ficcional. Nas palavras de Gustavo Rossi (2009), “[...] o problema racial encerra, aos olhos de Amado, um tema privilegiado para se pensar – mas, sobretudo, idealizar – a tão almejada revolução comunista, tendo-se em vista a miscigenação biológica que conformaria o povo brasileiro.”

Recusando-se a buscar um jogo de espelhos entre a ficção e a realidade, o intérprete acompanha a trajetória do escritor e suas intervenções no campo intelectual dos anos de 1930, além de esquadrihar as representações sobre os negros estampadas nos romances já mencionados. Nesse engate analítico, põe régua e compasso no conjunto de análises feitas até então sobre a obra de Jorge Amado. A partir do exame minucioso dos assuntos, dos personagens, do andamento literário, Gustavo Rossi faz uma descoberta sensacional: à medida que o tema das relações raciais vai impregnando o universo ficcional do escritor, a negritude deixa de ser uma condição para se transformar numa contingência repleta de significados. Numa passagem de *Jubiabá*, voltada para a descrição da greve, o protagonista afirma: “[...] a greve é dos condutores de bondes, dos operários das oficinas e da força e luz [...] Tem até muito espanhol, entre eles, muito branco [...] Mas **todo pobre já virou negro.**” (AMADO, 2000, p.278, grifo nosso). A identificação e o sentimento de pertencer ou não a uma raça, mostra Gustavo Rossi (2009), “[...] se definem mediante posições específicas ocupadas pelos sujeitos na estrutura social e no campo das lutas políticas.”

No lugar de reiterar a análise descritiva de imagens ou estereótipos sobre os negros encontrados na obra de Jorge Amado, Gustavo revela a partir de um trabalho minucioso de pesquisa com fontes históricas, completado pela análise fina dos romances em tela, como a cor dos personagens é um importante marcador de posições. Ao invés de mera coloração da pele, um enegrecimento condicionado pela ocupação das posições mais baixas na hierarquia social. Com um texto ágil e vigoroso, *As Cores da Revolução* arma a trama necessária para situar os desafios literários de Jorge Amado e revirar pelo avesso os romances que publicou nos anos de 1930. Traz, assim, uma contribuição decisiva para a reavaliação da importância da obra ficcional do escritor, ao mesmo tempo em que ilumina com novos focos o debate sobre as relações entre brancos e negros no Brasil que, volta e meia, incendeia o nosso pensamento social, sobretudo quando atualizado na chave política e polêmica das cotas raciais.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. **Jubiabá**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VELOSO, C; GIL, G. Haiti. In: _____. **Tropicália 2**. Rio de Janeiro: Polygram, 1993. 1 CD. Faixa 1.

